

Três décadas exportando 'fórmulas'

Marco Antônio Monteiro

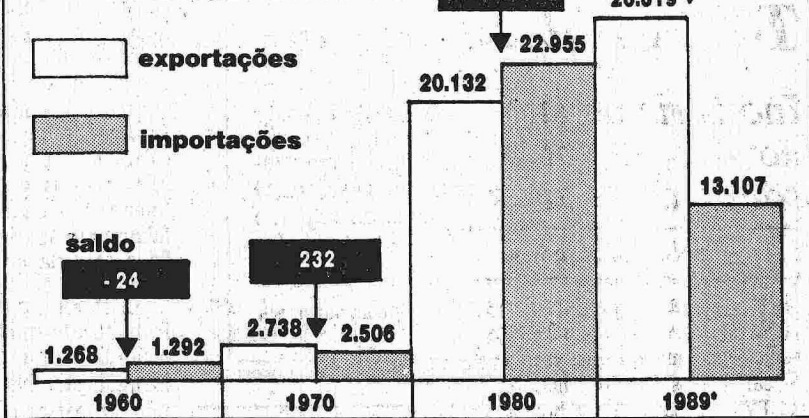
O comércio exterior brasileiro mudou tanto nas três últimas décadas que basta um dado para ilustrar isto: as duas principais commodities da nossa pauta de exportação atualmente — suco de laranja e soja — sequer eram vendidas pelo Brasil no mercado externo. “Era o fim da era JK que, apesar de ter a mente voltada para a industrialização, não utilizava o comércio externo como alavanca para o crescimento do país”, recorda-se Hugo Faria, economista e pesquisador da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

Era o país da exportação exclusiva de produtos primários, sobretudo os agrícolas. Cerca de 60% de nossas exportações dependiam do café. Exportava-se cacau, açúcar, fumo em folha, madeira e minério de ferro. Importava-se mais bacalhau do que aparelhos para telecomunicações. Comprava-se mais arame farpado do que a indústria têxtil

Balança Comercial

(em US\$ milhões)

* Acumulado entre janeiro e setembro



Fonte: Funcex

gastava com máquinas importadas. E adquiria-se no exterior mais azeite de oliva do que máquinas e aparelhos de perfuração e extração de minério.

A partir da segunda metade da década de 60, o Brasil criou amplo programa de promoção da atividade exportadora, além de uma política cambial, apoiada em constantes mini-desvalorizações. Hoje, os produtos básicos respondem por 38,20% das exportações, enquanto que a participação dos

produtos semi e manufaturados superaram 56%.

O crescimento das exportações aumentou nossa capacidade de importar. Passamos de tímidos US\$ 940 milhões em 1965 para US\$ 3 bilhões cinco anos depois. Na segunda metade da década de 70, o Brasil pôs em prática ambicioso plano de substituição de importação de insumos básicos e de máquinas e equipamentos. Era o período do slogan *exportar é o que importa*.